

Ver o Natal do Senhor!

Hoje, o Natal continua a ser a habitação do imenso amor de Deus que se mostra àqueles cujo anseio fundamental é “ver” a Deus, isto é, que aceitam a vocação de ver o invisível. E esta revelação é de tal modo forte que se torna presença na realidade real. Para onde olhar, então, senão para a realidade de todos os dias? É mesmo aí que Deus habita. Aqui e agora sentimos que a vida de cada pessoa vai «de início em início, através de começos sempre novos» (cf. S. Gregório de Nissa).

«*Amigo, neste Natal do Senhor quero vê-lo!*», assim disse Francisco de Assis, no início de Dezembro de 1223, voltando-se para o amigo Giovanni Velita, um proprietário rico de Greccio. Francisco explicou ao seu amigo o que queria dizer “ver” o Natal. Daquela compreensão nasceu o presépio como é conhecido na cultura cristã, na piedade e na arte dos países latinos. Francisco é um crente com um coração de criança. Os antigos diziam: «*para quem acredita tudo é prova, para quem não acredita nenhuma prova basta*».

A sua fé “vê” o que crê, mas ele sentia uma lacuna na representação do nascimento do Filho de Deus. Graças às suas peregrinações a Roma, ele conhecia o nascimento representado nos mosaicos das grandes basílicas, mas não lhe bastava. Por isso, criou uma imagem viva do Menino de Belém, feito de carne, de um olhar, de um gemido, de um sorriso e, ao mesmo tempo, pediu um sacerdote para celebrar naquela noite a Eucaristia. Com efeito, a Eucaristia é, já, semeada em Belém, casa do pão. E isto ainda hoje se pode ver, no fresco da gruta do Presépio em Greccio, próximo de Rieti em Itália.

A simplicidade da fé ilumina toda a vida e faz-nos aceitar com docilidade as grandes coisas de Deus. Experimentamos como a alegria perfeita é possível também neste mundo, apesar dos sofrimentos e das dores de cada dia. Uma vida sem reconhecimento é uma vida triste, difícil, que ignora o prazer e a beleza do dom, que acredita que tudo seja sempre devido, e antes de se alegrar pelo que possui, vive na raiva por aquilo que pensa que lhe foi retirado.

A nós foi-nos dada a alegria de poder dizer obrigado, de voltar a descobrir as palavras mágicas que tornam a vida mais leve, os gestos de fineza e de atenção que ultrapassam as tensões mais duras e abre a janela do encontro.

Responder à vocação de ver o invisível é próprio da pessoa humana, um ser natal. «*Se Cristo tivesse nascido mil vezes em Belém, mas não nasce em ti, então nasceu em vão*» (A. Silesius).

A procura de Deus é também uma atenção ao outro, àquele Jesus que nasce às vezes como um “incómodo” na nossa vida, mas quando a habita torna-a experiência de bondade e um lugar de comunhão e de paz, porque «...o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco» (Jo 1, 14).

O Natal reforça em nós a capacidade de interpretar a imagem de Deus e de O ver nos rostos sofredores de tantas famílias, em muitos desempregados, pobres, doentes, migrantes, presos, vítimas da violência doméstica, mais sós, pessoas idosas. Rezo, vejo e contacto diariamente com alguns irmãos e irmãs assim, especialmente nestes tempos desafiantes e tão exigentes. Aqueles que são a manifestação das chagas de Deus e da sua fragilidade, mostram a necessidade de tecermos as relações solidárias e de proximidade.

Deus continua a escolher a periferia das periferias, para que ninguém se sinta excluído do seu abraço e faz-se homem, amando-nos com um coração de carne. O grande M. Torga também o expressou deste modo poético: «sei o teu nome na página da noite, Menino Deus... E fico a meditar no milagre dobrado de ser Deus e menino. Em Deus não acredito. Mas em ti, como posso duvidar?»

Aos crentes e não crentes, auguro um coração de carne na alegria da Esperança, Cristo Jesus, o Deus Menino. Deixa Deus habitar a tua casa e deixa-te olhar por Ele!

Boas festas e um Santo Natal

Buonas fiestas i un Santo Natal

✠ D. José Cordeiro, Bispo de Bragança-Miranda